



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 8

Vitória-ES

Fevereiro de 2012

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Parece que se fecha aos poucos a já fina torneirinha por onde fluem as pessoas doces, as quais tão poucas são que a gente já as captura como quem resgata uma relíquia. (A Gota e O Mar). Lamento, sinceramente o amargor, daqueles a quem eu tenha provocado algum ressentimento. Queria muito retirar-lhes esse peso. (Abelhinhas frescas). Passadas as festas de fim-de-ano e o carnaval... crime total, sem concessões. Talvez eu deixe para depois da Semana Santa, pois sou doido por torta de mariscos (O Stange (ou do Arabelo), só não me ajoelho por que, recentemente, surgiu-me uma perebinha na rótula. E dr mãos porque, discreto como é, por certo as recolheria. (A turbulência da passagem). Sou pessoa qualquer lade e a tolerância. E que as vozes não sejam gritadas, as risadas grosseiras e as pessoas exibidas em estr a parte dou preferên- cia aos que optam pelo "talvez", "deixe-me examinar", "depende das circunstâ um caubói de cinema aparenta precipitação (Ciência, mas não muito). Este meu criação esquenta, estr controladas. Ele é doido. Quando me abrimo o peito, ao invés de pombas, elas levam-me instalado em termos. ns Ventos). Uma certa apresentadora, quando se vê na ingrata contingência de nos transmitir uma dor, não solu (ou a esperança?) de que ela venha pousar na minha sala e pessoalmente enxugar minha lágrima com a b. Permaneci tanto tempo no oficialismo que adquiri, por um período, uma cara mumificada, uma cara meos e de gemidos). Falar mal dos outros fortuitamente, em doses esparsas e acidentais, pod os. (Viver, para principiantes). Animais, que se todos. Gato, não. No mundo dos mistérios r. (Além do horizonte). Eu era, eu próprio, isto é, meu corpo, minhas pernas, meus braços e e generoso. Lamentei não ter ao lado a quem servir uma fatia de êxtase. (A mente e a máqui a farinha para meu caminhão. Que meus amigos ao menos se habilitem ao quarto prêmio da fer invertida (Se não próspero, feliz...). O menino, intensamente simpático, quase sedutor, ao lado d e se não fosse genu- íno seria caricato. (O reencontro). A mentira, ela me perturba, desconcerta. N u uma égua zureta. Sou totalmente inseguro cavalgando uma falsidade. (A goleada). Não se iluda c segurança que insinuam é uma farsa. Às vezes sou um repositório de dúvidas (Recado às Ilusões). A pra passaram a ser servidos por garçons de gravatinha, as mulheres agora tinham sobrenome (Pobre rico, ando mas – lamento – eu não fui avisado. A moça nascera meiga e não me ocorria estivesse sendo dedicada a m. Caminhos cruzados). Este não é o meu lugar nem o agora é meu tempo. Estou aqui emprestado. É forçado, é postiga a poles. (As dores do desterro). O que não compreendo na fortuna é o alarde, a pompa, a suntuosidade dole. (A medida e o excesso). Às vezes a gente acorda com a sensação de que está passando do pont asa. (Mas a estrela vive...). Está na hora de alguém sugerir o corte de um zero, tal como nos "par dá mais para se insistir nos cinqüenta anos para as de Ouro, porque o pessoal moderno geralm uns sugeriram "aqui jaz um gênio iluminado" outros, "Aqui jaz uma A Aqui jaz um gênio quadrado". (O bonde que me coube). Ao tempo em que as pessoas conseguiam me fr trocar de carro e em empreender out o carinho, corpos tépidos e paisagem, eu já

Zé Costa, cronista

Páginas 4, 5, 6 e 7



Nesta edição:

Jocilane Rubert Tinoco dos Anjos Carlos Lindenberg Filho

José Costa Fernando Marques Marilda Teles Maracci Luiza Duarte

Bissoli Edilene Cristina Rodrigues Sossai Maira Rocha Moreira Max Balarini

USE E ABUSE

O mundo encantado dos sebos

Na Europa do século XVI as pessoas que vendiam antigos papiros e documentos importantes da época eram chamadas de alfarabistas, expressão ainda usada em muitos países do velho mundo. No Brasil as livrarias ou qualquer outro lugar onde se comercializa livros usados são conhecidos como Sebos. Dizem os estudiosos que este nome se prende ao fato do uso de velas, feitas de sebo, (a energia elétrica ainda era um sonho) para leitura. O sebo acabava por deixar os livros “ensebados”.

Conseguimos levantar alguns endereços destes paraísos dos apaixonados por livros. Se você nunca foi a um Sebo, então vá. Corra o risco de se apaixonar perdidamente.

VITÓRIA

- **Sebo Café Praça**
Rua 13 de maio, 71 Centro
Vitória – ES
- **Sebo Torre de Papel**
Rua Eugênio Neto, 488 – Loja 01
Praia do Canto – Vitória – ES
- **Sebo Veredas**
Rua Alziro Zarur, 470 – Loja 06
Jardim da Penha – Vitória – ES
- **Sebo República das Letras**
Rua Milton Ramalho Simões n.º 130
Jardim Camburi
- **Sebo República das Letras 1**
Rua Anísio Fernandes Coelho, 1715 – Loja 07 - Jardim da Penha – Vitória – ES
- **Sebo de Livros Usados**
Rua Buarque de Macedo, Lojas 7 e 8

Jardim da Penha – Vitória – ES

• Feira do Livro Usado

Rua São Caetano s/nº - Praça Costa Pereira
Vitória – ES

VILA VELHA

• Banca Virtual Realidade

Rua Manoel de Freitas Dias n.º 490
Divino Espírito Santo – Vila Velha – ES

• Phendagron Mangá e Quadrinhos

Rua Mahatma Ghandi, 595 – Loja 01
Vila Velha – ES

• Sebo Automotivação

Rua Manoel de Freitas Dias, n.º 70
Divino Espírito Santo – Vila Velha – ES

• Sebo Conhecimento Virtual

Rua do Coqueiro, 70
Divino Espírito Santo – Vila Velha – ES

• Sebo Drummond

Rua Henrique Moscoso, 1990
Centro – Vila Velha – ES

• Sebo Garimpo Virtual

Rua Manoel Dias de Freitas ,490
Divino Espírito Santo – Vila Velha – ES

• Sebo Monarquia

Rua Araribóia, 451 – Centro
Vila Velha – ES

• Sebo Utopia

Rua Carolina Leal 289, loja 8
Olaria – Vila Velha – ES

• Sebo Lissbella

Rua Alcindo Guanabara, 655 – Casa 2
Cristovão Colombo – Vila Velha – ES

• Sebo Vitória

Travessa Independência, n.º 11
Vila Velha – ES

GUARAPARI

• Livraria Sebo na Praça

Praça Irineu José Vicente n.º 01 – Loja 05
Guarapari – ES

PANCAS

• Sebo Virtual Livros e Revistas

Rua Principal n.º 13
Vila Verde – Pancas – ES

ARACRUZ

• Sebo Estudio H Som

Rua Plácido de Carli, 136 – Carli
Aracruz – ES

• Opus Livraria e Papelaria

Rua José Alves da Costa, 56 – Loja 203 –
Centro - Aracruz – ES

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

• Sebo Adalton Passos de Bona

Rua Nair de Souza Menezes, 13
Cachoeiro – Centro – ES

COLATINA

• Sebo do Cobrinha

Praça Izidoro Binda – Bairro Vila Nova
Colatina – E



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

HERÁCLITO AMANCIO PEREIRA JUNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



LITERATURA

Jocilane Rubert
jocilanerubert@yahoo.com.br

Aqui se faz *Literatura*



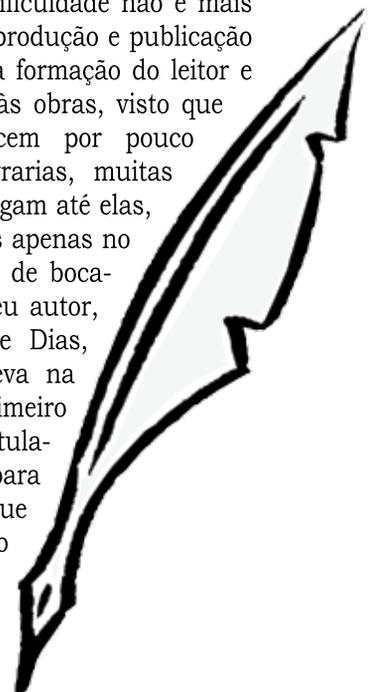
Jocilane Rubert é Graduada em Publicidade e Propaganda, colunista do Portal Iuuk, integrante da coletânea de poesias intitulada "8 vezes poeta" e Agente Cultural pela FACJ

A literatura é uma manifestação artística que, tal qual as artes plásticas, é constituída por distintas Escolas, no Brasil, por exemplo, compreende do Quinhentismo ao Pós Modernismo. Logo, se referir a uma "literatura capixaba" é presumir equivocadamente que a produção literária regional independe da literatura brasileira, apesar dessa ser única. Pois o que existe é literatura produzida por autores capixabas, natos ou adotados. Cujo início se deu com os autos escritos por José de Anchieta, no final do século XVI. Desde então ocorreram diversas mudanças, que oscilaram entre fases de pouquíssima produção, como nos séculos XVII e XVIII, restritos a literatura de louvor a Nossa Senhora da Penha, e de franco desenvolvimento, como o século XX, marcado pela criação de importantes instituições ligadas à literatura, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e a Academia espírito-santense de Letras, ambas ainda atuantes, além do lançamento da Revista Vida Capixaba, que contribuiu por quase quatro décadas para a cultura regional. Em meados desse decênio, autores capixabas já despontavam em âmbito nacional, como Haydée Nicolussi (1905-1970), poetisa brilhante, lembrada por Graciliano Ramos em Memórias do Cárcere, e Rubem Braga (1913-1990), reconhecido como um dos melhores cronistas do país.

São muitos os autores que merecem citação, porém, não cabem todos nesta revista, entre eles estão Renato Pacheco (1928-2004) pioneiro na publicação de romances modernos, Fernando Tatagiba (1946-1988) e Ber-

nadette Lyra, os dois precursores do conto capixaba moderno e, dos anos 1980, Reinaldo Santos Neves, Adilson Vilaça e Francisco Grijó, fundamentais no gênero de ficção em prosa, assim como Paulo Roberto Sodré, Sérgio Blank e Oscar Gama Filho, para a poesia. Os próximos decênios se configuraram pelo reconhecimento e valorização do capital social e, concomitantemente, pelo estímulo à cultura, através de Leis de incentivo, como a Lei Rubem Braga da Prefeitura de Vitória, e de Editais, como os da Secretaria de Estado da Cultura e o mais recente Bolsa Cultura Jovem, que viabilizaram o surgimento dos novos autores, como Saulo Ribeiro, Gladson Dalmonech, Caê Guimarães e Erly Vieira Junior, para citar alguns.

Contudo, falta ao cenário literário espírito-santense um sistema eficaz de divulgação e comercialização das obras, a dificuldade não é mais o processo de produção e publicação do livro, mas a formação do leitor e o acesso dele às obras, visto que elas permanecem por pouco tempo nas livrarias, muitas vezes, nem chegam até elas, sendo vendidos apenas no lançamento ou de boca-a-boca, por seu autor, como faz Aline Dias, que sempre leva na bolsa o seu primeiro romance, intitulado Vermelho, para oferecê-lo aos que encontra, sendo assim, escritora e propagandista. ■



CAPA

Um *coração*

Ele era conhecido por seu bom humor. Com toda sua experiência de vida, na política e na imprensa, acumulando no currículo uma série de cargos importantes, José Costa tinha também dois lados: o romântico, e o talento para escrever crônicas envolventes. Há 15 anos, ele foi vítima da violência, que continua intensa em Vitória, assassinado por um assaltante. Aos 64 anos de idade. Faria 80 anos em outubro deste ano.

José Carlos Correa, jornalista e ligado a ele por laços familiares, escreveu, na crônica "Um Ano Sem José Costa": "A lembrança que nos ficou, creia, é do Zé Costa de terno amarrotado, camisa pra fora da calça e gravata desalinhada. Do abraço forte, do aceno efusivo, da confidência irônica. Das idas e vindas rápidas, da eterna inquietude, dos telefonemas apressados. E do sorriso intenso, amigo e companheiro que está guardado para sempre aqui do lado esquerdo do peito, nos empurrando para a frente na manhã de cada dia que nasce".

José Antonio de Figueiredo Costa nasceu em São José do Calçado, em 24 de outubro de 1932. Era morador de Vitória des-

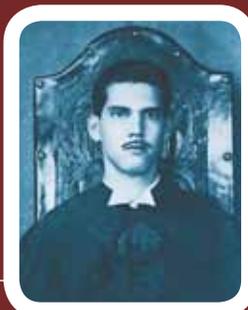
de 1945. Foi assassinado em 24 de abril de 1997. Na crônica-homenagem, José Carlos fala desse ato de violência: "...Ainda no último dia 14 o jornal noticiava a fuga, numa só noite, de 52 presos no Departamento de Polícia Judiciária de Cariacica. Pois são esses fugitivos que estão aí à solta, aterrorizando todo mundo. Dizem que foi um fugitivo da Justiça que disparou contra você. A Polícia chegou a recapturá-lo 20 dias após o crime mas, quanta incompetência, ele fugiu com outros 15 presos do Presídio de Argolas quatro meses depois..."

A carreira profissional de José Costa foi rica; era jornalista e advogado. Foi Diretor de Redação de A Gazeta de 1977 a 1988. Começou em 1955 em A Tribuna e Rádio Espírito Santo, passando por O Diário, Sete Dias e revista Vida Capixaba. Na política, foi vereador de Vitória entre 1963 e 1967. Foi subchefe e chefe da Casa Civil e chefe do Serviço de Imprensa do Palácio Anchieta

FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA



Tinoco é jornalista, ex-editor das crônicas de José Costa no Caderno Dois de A Gazeta



Tinoco dos Anjos
tinocodosanjos@yahoo.com.br

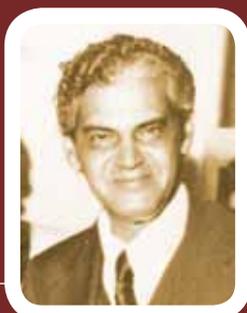
O sempre batendo

durante o Governo Christiano Dias Lopes. Nos governos Élcio Álvares e Arthur Carlos Gerhardt Santos foi secretário de Comunicação, diretor da Fundação Cultural e chefe da Casa Civil e Procurador do Estado, e diretor administrativo da Companhia Siderúrgica de Tubarão. Pai de 5 filhos, era casado com Cléa Estelita Lins Costa.

Em 2001, a família de José Costa organizou a publicação do livro “Crônicas/ José Costa (Advogado e Jornalista)”. Reuniu 116 crônicas publicadas em A Gazeta, entre 1987 e 1997. José Costa era dono de um texto realmente envolvente. José Carlos Correa registrou alguns exemplos em sua homenagem já citada. “Os dias têm sido lindos neste outono, assim como as noites de lua cheia. Você, nosso poeta dos domingos, ia gostar e certamente nos brindaria com algumas daquelas crônicas onde não faltariam referências à natureza e às coisas belas

que nos cercam. Como a que foi publicada no dia 20, quatro dias antes de sua morte, chamada `O Sol Nosso de Cada Dia`. Nela, você fala de um dia ensolarado do outono de 1997 e descreve o mar perto da Praça do Papa onde `a natureza colocou barco a barco, rede a rede, remo a remo roupa a roupa, tudo para enfeitar de luz a borda do verde mar alto”.

Em “O Encargo de Enjaular Emoções”, de dezembro de 1996, José Costa repeliu seu conhecido medo de um enfarte: “Coração... Cansei-me dos seus sustos. Aguardei tanto tempo, inútil, ele não se decidiu, eu cuidei foi mesmo de viver... Não podia mais ficar por conta de sua cara enfezada” 



CAPA

José Costa,

um nobre de compostura invejável

Para quantos não tiveram a ventura e a alegria de conhecer, privar e aprender com o jornalista José Costa, reconheço a dificuldade para entender, em toda sua plenitude, a riqueza de sua personalidade incomum, especial e repleta de múltiplos e variados atributos positivos, a maioria dos quais acabou se refletindo, com absoluta fidelidade, em suas imperdíveis crônicas e outros textos. Ele exerceu, como poucos, a arte de transformar e enriquecer assuntos banais em memoráveis escritos cuja virtude maior, a sua característica indelével, foi sempre a simplicidade e a sua escorreita linguagem moderna, espontânea e singular.

Extremamente cerimonioso, dotado de uma personalidade de invulgar educação, foi exemplo de lealdade e franqueza para com os seus chefes e subordinados sem, contudo, resvalar para os excessos da impertinência ou, menos ainda, para os subterrâneos da subserviência. Ele exibiu ao longo de sua vida, constantemente, um ar incomparável e convicto de bom humor e alegria o que acabou tornando-o reconhecido como um verdadeiro mestre da pilhéria, da ironia fina e sutil e do sarcasmo inesperado, elementos sempre presentes ao longo das suas longas conversas descontraídas. Estas características afluíam em seus escritos. José Costa era ainda dotado, e isto brota claramente de seus textos, de uma extremada noção de respeito ao próximo, sem quaisquer distinções de posição social, importância política, cor ou raça. Foi um dos exímios mestres em transformar assuntos banais em textos extremamente divertidos, alegres, bem humorados e interessantes.



Carlos Lindenberg Filho (Cariê) é empresário e escritor

Por força das circunstâncias da vida, José Costa acabou fazendo tudo nas áreas de jornal. Não se manteve circunscrito à produção de suas famosas crônicas, enfim reunidas em um livro em 2001. Ele foi responsável, durante longo tempo, por vasto noticiário político e com frequência escreveu editoriais, espontaneamente ou por demanda superior, que não estão no seu livro face à sua reconhecida modéstia. Lembro-me bem de um que se tornou famoso na época pela repercussão e pelo seu grande vigor publicado sob o título “Bandeira Solta” em que ele conclamava ardorosamente as forças do Estado a lutar pela construção da CST em solo capixaba já que, conforme previsto, havia rumores de que queriam levá-la para fora do Estado. Em todos os setores em que trabalhou José Costa deixou a marca de seu texto claro, simples e de fácil leitura. Ele fez parte de uma importante safra de grandes cronistas capixabas que pontificaram, cada qual a seu modo, em uma época áurea de nossa literatura. São eles Rubem Braga (de Cachoeiro), o grande mestre, o precoce José Carlos Oliveira (de Jucutuquara), Carmélia M. de Sousa (de Rio Novo do Sul) e Alvinho Gatti (de Vitória). Juntos com José Antônio de Figueiredo Costa (de São José do Calçado), cada um deles teve os seus méritos, seu próprio estilo e sua maneira de ser e escrever. Não exagero, estou convicto, se coloco o José Costa dentre os melhores deles. É claro que os que se foram para centros maiores ganharam maior repercussão, o que certamente teria ocorrido ao José Costa caso também tivesse alçado voos maiores. 

Calmaria e tempestade

JOSÉ COSTA

O elevador descia tão suavemente que não fosse o acender das luzinhas do painel diria que estávamos parados. Éramos três. A ascensorista, moreninha de canela ruça e saía sem cor, curvava-se sobre a leitura atenta de um livro de bolso aberto à mão direita enquanto a esquerda dominava os comandos com precisão de autômato. Outra companheira na agradável vertigem era o próprio emblema da paz que vínhamos solidariamente trazendo desde os pavimentos superiores: uma mulher delgada, dotada de olhos piedosos, alva como as tísicas dos romances clássicos. Vestia uma roupa tão recatada que, se porventura lhe fosse acrescentada uma mantilha à sua meiga cabeça piamente pendida para o lado, místico como às vezes sou, eu me prostraria aos seus pés, ali mesmo, no chão da cabine.

Estávamos imersos em enlevo tão acolhedor que recebi com certo sobressalto o “plim” que anunciou o quinto andar. Adentra então o ambiente, tisonando a concórdia que trazíamos do alto, um corpulento cinquentão espaduado, imensa barriga desenhada em arco a partir do pescoço. Olhos inquietos, semblante agitado, um cacoeite disfarçado o condenava a empreender discretos mas freqüentes tremores de cabeça. A calvície que lhe coube, entre as tantas concebidas pelo imaginoso ente que planeja e distribui as carecas, era daquelas em que o topo da cabeça é inteiramente liso, mas sobram nos flancos, cobrindo as orelhas, fartos fios eriçados em horizontal, passando de muito os limites da nuca.

Como que para nos compensar face a incômoda companhia do calvo, bons fados concederam-nos a graça de introduzir no recinto, ao mesmo tempo, a própria sobriedade e classe na forma elegante de uma mulher trajando um tailler de linho cujo corte mais ressaltava sua discreta fidalguia.

Embora, com o advento do barrigudo, tínhamos intuitivamente pressentido no ar o risco DCE alguma labareda, o cruzeiro prosseguiu silencioso até que, “plim”, quarto andar, somos todos afetados pela agitação de um Office-boy adolescente, cheio de gingas e frulas. Este recostou-se no aparelho, assentou a planta do pé esquerdo em uma das paredes e batendo um

papel em canudo na lama da outra mão, comentou sem nos olhar, como se estivesse falando sozinho:

- A Xerox subiu de novo. Esse Governo é parada!...
 - O brasileiro quer deixar tudo por conta do Governo. O povo tem culpa, aparteou o coroa. A frase fora concluída quando já estávamos no terceiro andar de onde investiu uma Mike Thysson de calça comprida branca repleta de bolas, e que apresentava um imenso esforço para dispor de cintura, difícil tarefa entregue ao encargo solitário de um cinturão repleto de ilhoses dourados, quase sucumbindo ao peso de tamanha responsabilidade. Do jeito que vinha vindo, ela chutou de primeira:

- E ainda tem gente que defende esses políticos!...
 Provocou.

- Eu não estou defendendo ninguém, minha senhora, respondeu o grandalhão agitando nervosamente o dedão na rota da boxeadora. Passando pelo segundo andar, a aristocrata de linho deferiu-nos a subida honra de descer à contenda observando polidamente que todos têm o direito de emitir as próprias opiniões, ressalva articulada com o visível propósito de socorrer o careca.

- Mas não tem o direito de ser puxa-saco, detonou o boy à altura do primeiro andar.

Chegamos (vivos) ao térreo e no decorrer daqueles segundinhos que precedem a abertura da porta, eis que, vejam só, a misterioso Santa Terezinha do Menino Jesus que, como seria de se esperar de seu ar contrito, vinha se mantendo ao largo de tão terrenas pendências, incendiou surpreendentemente o elevador:

- Ô velho grosso, sô!...

- Velho é isso, aquilo, aquiloutro, enunciando blasfêmico todos os palavrões disponíveis. É até possível – quem sabe? – que ao patentear duvidosa sua grossura pretenheu apenas, como um verdadeiro cavaleiro, não deixar a dama passasse por mentirosa.

Foi quando a ascensorista enfim desceu de seu sonho, descobriu nossa existência, e encerrou a sessão, com a cara impaciente e testa franzida:

Cruzes!... 

TEATRO

Teatro de Grupo: *Ater*



Fernando Marques é ator, diretor e dramaturgo do Grupo Z de Teatro.

“Vocês são o único grupo de teatro do Estado”. Sendo integrante de um grupo capixaba, essa foi uma frase que ouvi muitas vezes, há cerca de uma década atrás. E isso nunca foi verdade; sempre houve, no Espírito Santo, grupos contemporâneos ao Z, grupo do qual faço parte. Mas o fato de haver quem dissesse aquilo era sintomático. Indicava que nós, os grupos que havia, não conseguíamos configurar um movimento que pudesse ser reconhecido como tal, que identificasse que, no Estado, além de haver grupos de teatro, havia teatro de grupo, num sentido amplo.

Ainda não temos um movimento, se pensarmos numa grande articulação de grupos estabelecida formalmente para a discussão e ações em prol de políticas públicas, de estética, de procedimentos de trabalho, de processos criativos, etc. Mas já temos algumas – ainda que poucas – iniciativas nesse

sentido. Já temos algumas afinidades, como grupos que se identificam entre si, estreitando laços, que dividem espaços, que conversam sobre os trabalhos uns dos outros. E o que é fundamental – começamos a ter, por parte do público, uma visão de que existem grupos que têm uma produção continuada. Começamos a ter até mesmo quem prefira este àquele grupo – e não interessa aqui quem é preferido por quem, interessa é o fato de essa escolha ser feita a partir da percepção de que há vários grupos trabalhando.

Tudo isso é muito diante da circunstância, nem tão distante assim no tempo, que tornava possíveis afirmações como a que abre este texto. É preciso salientar, entretanto, que tudo isso é também, em certa medida, frágil. Esse panorama de melhora não é, obviamente, gratuito, está relacionado com a resistência dos grupos mais antigos; com a renovação e o ímpeto que os novos trazem; com

Fernando Marques

fernando@grupozdeteatro.com.br

ção

o fato de haver, na capital, uma escola de teatro, a FAFI que vem sobrevivendo a duras penas; com a possibilidade de intercâmbio dos artistas locais com os de outros lugares – inclusive os que saem para estudar e trabalhar fora e voltam; com ações norteadas por certa postura do Ministério da Cultura em suas últimas duas gestões, entre outras coisas.

Mas é preciso perceber que, se não houver uma preocupação com o teatro de grupo que se reverta em ações concretas e continuadas, tudo isso pode ruir. Não se trata de alarmismo, mas de constatar que a solidificação desse processo que se inicia pede cuidados, merece atenção. E que os grupos, assim como as escolas ou iniciativas permanentes de formação, podem e devem funcionar como um celeiro que alimenta o movimento teatral, seja em termos imediatos ou a longo prazo. E que nós, no Espírito Santo, precisamos disso. ■



Grupo Z de Teatro



Grupo de Teatro Rerigtiba



Cia Folgões de Artes Cênicas

DANÇA

A (Cons)ciência da *arte**Síntese da pesquisa de dança da Cia. Enki de Dança*

A importância cultural e social de estudos e espetáculos como, Anthropozoo, Simbolein, Acqua, Conexões, está nas valiosas inquietações que os conhecimentos não convencionais (não-oficiais/não, escolares/não-científicos) são capazes de provocar. As linguagens simbólica, arquetípica, corporal, plástica, musical, mística, filosófica, são formas privilegiadas de discussão que provoca-nos a consciência e a inconsciência.

Utilizando esse potencial que o tema oferece, ou seja, o de trans-espaço-temporalizar conceitos, bem como o de reintegrar os fragmentos da ciência quando são trazidos para a dimensão artística, é que os conhecimentos/saberes dos ancestrais, serão discutidos por meio de diversos códigos de interpretações que a dança possibilita.

Trata-se de uma proposta de formação cultural para o público alvo, quando, por exemplo, traz à discussão a questão do território e da territorialidade, explicitando e re-significando elementos da ancestralidade na experiência contemporânea. Isso, considerando que o conceito de território a ser trabalhado é: território = biodiversidade + cultura. Este conceito, formulado nas experiências de povos tradicionais e trazido ao

campo científico (geografia, antropologia, etnografia...), permite a relativização de pretensas verdades filosóficas, científicas, possibilitando a reinterpretação do mundo. Tal processo, que é complexo, se efetiva potencialmente diante da revelação de outras culturas, outros saberes, outros conhecimentos, como é o caso dos povos africanos.

No mundo cujo atual, o contexto é de crise civilizatória, ambiental, epistêmica, de profundos conflitos de racionalidades onde tempo e espaço (dimensões privilegiadas nesta proposta) e as relações Sociedade-Natureza tornam-se re-significáveis diante da eminência do caos civilizatório e da catástrofe ambiental. Isso se torna ainda mais significativo quando verificamos que os saberes classificados pejorativamente pela inteligência como “primitivos”, “selvagens”, “não-evoluídos” etc., são revelados como conhecimentos profundamente complexos, constatação esta que a ciência moderna somente agora alcança seus primeiros degraus.

Eis a importância de trazer esse conhecimento milenar para uma reflexão contemporânea! Busca-se, assim, o entendimento das culturas classificadas como ‘pri-



Marilda Teles Maracci é Geógrafa, doutora pela UFF

Marilda Teles Maracci

marildamaracci@gmail.com

“O corpo é; senão o” lugar das ocorrências”, a fonte vital, enquanto a dança se reitera com a Natureza.”

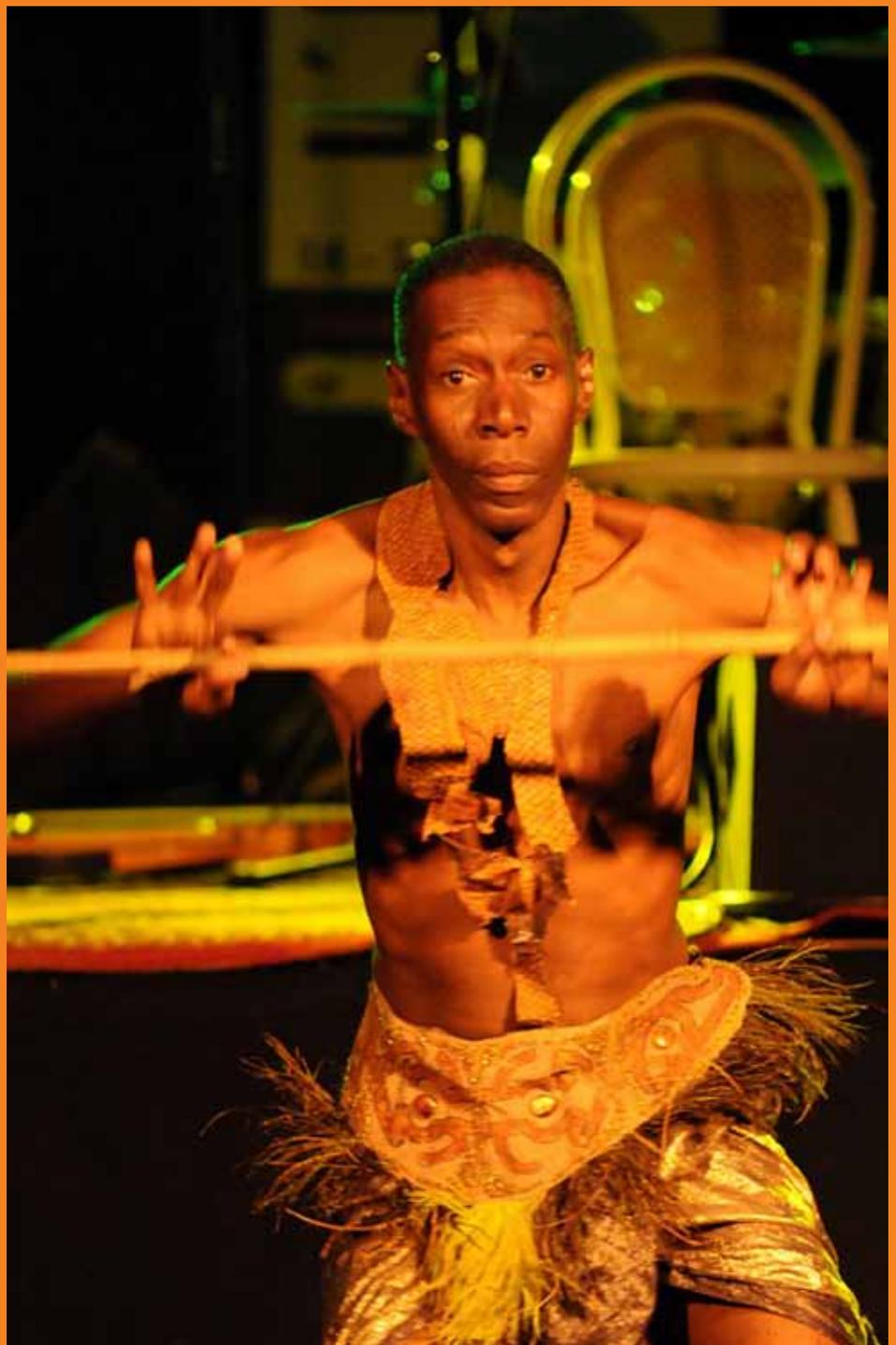
(Paulo Fernandes)

mitivas’, no sentido de trazer à questão essa forma primal que inaugura um tipo de consciência das ciências.

Nesse contexto, como nunca antes, em diversas configurações societárias, elementos primitivos ou da sabedoria ancestral se revelam fortemente presentes, fortemente contemporâneos. A presente proposta pretende capturar este elo, trazê-lo à dimensão estética enquanto espetáculo cênico, “contemporaneizando” o passado enquanto problematiza o futuro. Este trabalho exige do público a necessidade de um despir-se das confortáveis referências de interpretação do mundo e lançar-se na instigante aventura da (re) descoberta do velho-novo!

* Enki significa En = Céu, Ki= Terra, e o homem é o intercessor entre estes dois espaços. E recebe este nome lembrando o personagem da História de Gilgamesh (mitologia sumeriana), sendo um dos registros arqueológicos achados na antiga Mesopotâmia.

* Sobre a pesquisa de Paulo César Fernandes, Diretor da Cia. Enki de Dança, Titular da Câmara de Dança do SATED/ES, Coreógrafo e Bailarino do Simbolismo Afro-brasileiro 



REDES SOCIAIS

A dinâmica das

Para compreender melhor como se constituem as relações da atualidade é preciso entender a dinâmica das redes. As redes sempre existiram, toda relação do homem é constituída por rede. Temos hoje redes celulares, redes organizacionais, redes de supermercados entre outras. As facilidades urbanas e serviços que suportam a sociedade contemporânea são compostos de redes como os metrô e as malhas rodoviárias. Enfim, as redes estão por toda a parte.

Mas esta é uma concepção convencional de rede, isto é, baseada apenas em sua forma aparente. Nem tudo que envolve interligação é caracterizado como rede. Para ser rede é preciso trabalhar com a ideia de uma relação sem hierarquias, conectividade constante, descentralização, autonomia e a capacidade de multiplicação da informação.

A partir das contribuições dos autores Fritjof Capra e de Manuel Castells,

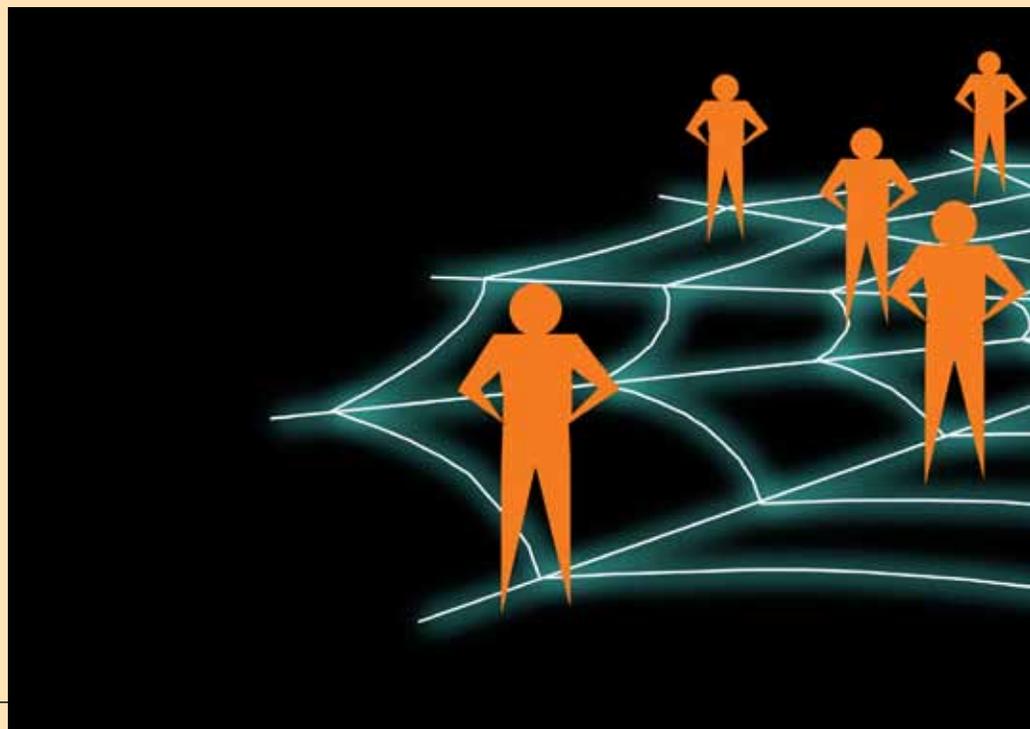
entendemos que redes são agrupamentos de pontos (pessoas, organizações ou locais) que se ligam a outros pontos por meio de linhas (conexões feitas pelos elementos), quando acionados por uma necessidade e/ou objetivo.

Pode-se ter em uma rede vários pontos, que só farão sentido uma vez que a conexão entre eles for estabelecida por linhas. Em uma rede, as linhas são mais importantes que os pontos, pois é o estímulo à conectividade por meio delas que se dá o conjunto de organicidade. E é a movimentação contínua de conexões e ligações estabelecidas que constitui a dinâmica de rede.

Hoje no mundo globalizado e tecnológico surgiram também as redes sociais virtuais que se comportam como um universo espelhado da realidade ou como uma extensão da vivência presencial, ou seja, aquilo que é experimentado ou divulgado no ambiente



Maira Rocha Moreira é publicitária e integrante do Programa Rede Cultura Jovem



Maira Rocha Moreira

mairarochoa10@gmail.com

redes

externo vai parar na internet. As redes sociais não são formadas, elas são acionadas, e geralmente por afinidades ou por objetivos comuns estabelecidos entre duas ou mais partes.

Sob a luz do conceito de rede podemos afirmar que Mark Zuckerberg e Jack Dorsey, respectivamente os inventores do Facebook e do Twitter, foram responsáveis pela criação de um meio para que as relações do mundo off-line se perpetuassem no universo virtual e não a criação de uma rede em si.

No Brasil, algumas redes mais evidentes se constituíram a partir de afinidades políticas e sociais. No período da ditadura, redes presenciais com um objetivo único se mobilizaram para lutarem por direitos civis básicos. Em 1990 jovens se uniram para a destituição do Fernando Collor da presidência do País.

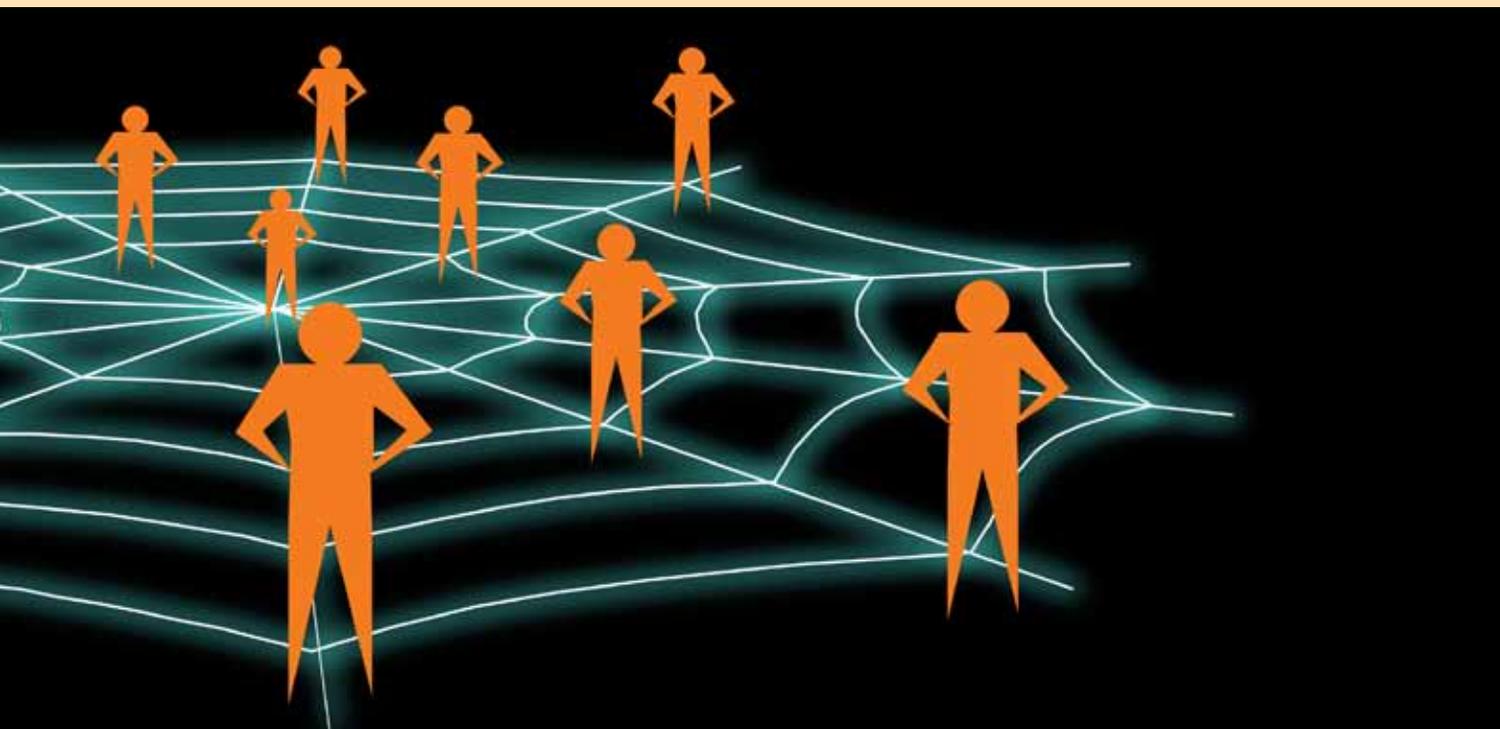
Hoje podemos ver que toda essa relação no presencial se transpõe ao virtual

com o aparecimento das redes sociais virtuais propagando e difundindo informações políticas, sociais e culturais. O advento das redes sociais na internet tem modificado a maneira das pessoas interagirem com mídia de massa. Cada vez mais é possível perceber que os internautas, ao manifestarem suas opiniões nas redes sociais, exercitam a sua autonomia e provocam intervenções na comunicação massiva.

Essas potencialidades de constituição de sujeitos autônomos e empoderados são o que orientam as ações do Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ) - iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo em parceria com o Instituto Sincades. O PRCJ tem acionado uma rede de jovens envolvidos com o fazer artístico-cultural e, para isso, faz uso de redes como Facebook, Orkut e Twitter para promover a interação, a difusão cultural e o estímulo à criação artística.

Ao entrar em contato com PRCJ, os jovens já dispõem de redes próprias. Ao terem seus projetos contemplados pelos Editais RCJ, por exemplo, os jovens mobilizam as suas redes, entram em contato como novas redes e passam estabelecer fluxos que lhes possibilitam trocar experiências e repercutirem seus produtos culturais. No ambiente virtual, além das redes sociais já citadas, essa galera passa a contar também com a rede do Portal YAH!. Assim, podemos considerar que os dois ambientes (virtual e real) se complementam.

Esse uso da lógica das redes pode ser aplicado a outros campos que não apenas o meio artístico-cultural. Para isso, basta fortalecer as conexões interpessoais de uma forma horizontal e sem hierarquias de modo a intensificar a troca de informações e a vivência coletiva. É por meio dessa dinâmica com o foco na juventude e na cultura que apostamos no futuro.



A *ágora* virtual

Segundo Cristovam Buarque, o “Brasil é uma Ágora Virtual”. Em alusão à Ágora Grega, que constituía o espaço coletivo da polis em tempos de Antiguidade Clássica; Buarque reflete o papel da internet como a nova praça pública. É um novo espaço de conexão entre as pessoas, que dentro de seus lares ou até mesmo a partir de aparelhos portáteis de comunicação, conectam-se com cliques e teclas em velocidades antes inimagináveis. Informações das mais variadas são compartilhadas mundialmente em questão de alguns uploads e downloads.

Agora vivenciamos o World Wide Web (www), universo distante há algumas décadas - começou a ser desenvolvido nos anos de 1980 - e hoje envolve milhões de pessoas no mundo. Numa perspectiva próxima, sem desconsiderar que existam outras grandes razões sócio-históricas para isso, são mudanças oriundas da Revolução técnico-científico-informacional. Esta foi considerada a Terceira Revolução Industrial, ocorrida a partir da década de 1970, que promoveu várias descobertas e avanços no campo tecnológico.

E de fato as grandes transformações técnico-científicas são ainda constantes, revolucionando continuamente as relações sociais com criações das mais variadas, sobretudo o desenvolvimento dos meios de comunicação. Tecnologias

inteiras foram substituídas em questão de décadas. Do analógico fomos ao digital, do real passamos ao virtual.

Surgiram as redes sociais e a universalização do acesso à informação pela internet. E agora com os tablets, iPhone, iPods, computadores pessoais e outras superinvenções de interação individual máquina-homem, o mundo virtual torna-se cada vez mais uma praça.

Nas redes sociais milhões de pessoas compartilham perfis online repletos de toda sorte de informação, que vão desde fotos e frases à descrição completa de empatias. Vivencia-se a coletividade nas telas digitais; em contraponto a um real onde se reduz cada vez mais o contato real entre as pessoas “reais”.

Dentro dessa lógica, os feeds do Facebook, a mais famosa rede virtual do momento, nos alimentam. Neste mundo não costumam existir antidepressivos, dúvidas e inseguranças. É um lugar de gente descolada, de gente feliz. O quanto de real existe nessa Ágora Virtual? O quanto faremos parte dela? O quanto ela fará parte de nós? Ou melhor: o quanto ela já é parte de nossa vida?

Possivelmente os precursores de toda essa nova realidade não imaginavam o mundo tal qual ele é hoje. E tampouco podemos ter certeza de como será amanhã. Por enquanto, fico no meu relativo anonimato virtual. 



Luiza Duarte Bissoli é Estudante de Ciências Sociais – Ufes

A identidade e a *cultura* de um povo através da gastronomia

No início quando a ideia de juntar um grupo de meninas que adoram gastronomia e que aproveitam o bate papo para falar de cultura, regado a muitos petiscos e pratos deliciosos, não se imaginava que nos tornaríamos um grupo, ou melhor, “o grupo de culinária”, que teve a oportunidade de escrever um singelo livro intitulado “Gostinho Cultural do Norte do Espírito Santo”, através do Programa Rede Cultural Jovem. E o motivo, qual seria?

Pois bem, tente lembrar-se de sua infância, ou até dos momentos presentes, felizes em família ou com amigos; acredito que muitos aconteceram em volta de uma mesa, ou até na própria cozinha, pois quase sempre levamos as pessoas que gostamos e que nos são próximas para bater aquele papinho sempre com uma boa xícara de café fresquinho...

Há várias formas prazerosas e interessantes de conhecer um novo lugar e uma nova cultura, podendo ser por meio das suas produções artísticas e gastronômicas, no qual um turista que anseia pelo novo, poderá entender melhor o processo de formação de um povo, sua história, seus costumes, toda trajetória que levou aquele povo a desenvolver determinada maneira de vida.

Quem não gosta de sentir aquele cheirinho da comida sendo preparada? Do alho dourando no azeite, da carne na chapa, da moqueca? Do bolo e do pão no forno? A alimentação é a memória, age muito intensamente no imaginário de cada pessoa, e está associada aos sentidos: odor, a visão, o sabor e até a audição. Ela pode unir as pessoas, instigar a criatividade, enfatizar as diferenças, as semelhanças, as crenças e a classe social a que



se pertence, por carregar as marcas da cultura. É através da alimentação, que podemos visualizar e manter vivas certas tradições.

Comer não é somente um ato fisiológico, ele está permeado de símbolos, sinais, cores, texturas, temperaturas, ética e estética. A combinação de alimentos e sabores, de culturas diferentes, de experiências distintas, fornece informações valiosas as nossas comunidades e nossa formação cultural.

Pois, quando falamos em gastronomia, culinária ou até no ato de cozinhar, estes podem ser vistos como uma ação cultural que nos liga ao que fomos, somos e seremos e, até, com o que produzimos, cremos, tentamos e sonhamos.

Afinal, as melhores coisas da vida sempre estão acompanhadas por uma boa comida. 



Edilene Cristina Rodrigues Sossai é graduada e Mestre em Economia Doméstica pela UFV

FOTO

Max Balarini

www.maxbalarini.com.br



Vista noturna da Praia da Costa - Vila Velha-ES